



Veredas atemática

Volume 17 nº 2 - 2013

APRESENTAÇÃO

A experiência de edição do volume 17, número 2, da Veredas – Revista de Estudos Linguísticos – indicia aspectos importantes acerca da produção acadêmica brasileira de artigos científicos voltados para a área de Linguística. Nos últimos anos, é patente o crescimento quantitativo de trabalhos submetidos ao nosso periódico. Pelo menos no que diz respeito às edições atemáticas, cujo objetivo é possibilitar a divulgação de trabalhos em diversas abordagens linguísticas, as submissões têm crescido consideravelmente. Em 2011, receberam-se 30 propostas de publicação; em 2012, 78 artigos foram avaliados pelos pareceristas; e, neste número de 2013, as submissões atingiram 90 trabalhos.

A reboque dessa demanda crescente, o trabalho de cooperação entre editores, pareceristas e revisores torna-se cada vez mais intenso. Grande parte dessa tarefa é voluntária, sobretudo no que concerne às atividades de emissão de parecer. A rede de pareceristas é de fato que sustenta o fluxo editorial das publicações científicas, entretanto não há reconhecimento efetivo desse trabalho nos índices de produção acadêmica. O tempo requerido para essa atividade fica à mercê da disponibilidade dos especialistas, o que muitas vezes interfere nos prazos de aprovação e publicação das edições. O número de especialistas, exigido pela avaliação cega, é sempre bem menor que a demanda de textos recebidos, implicando uma busca constante de novos integrantes para o Conselho Editorial, bem como de pesquisadores que possam analisar os artigos como ad hoc.

Por outro lado, o aspecto quantitativo pode sinalizar ganhos qualitativos se tomado como parte de um árduo e rigoroso processo de edição, que implica uma pré-análise de todos os artigos submetidos, estabelecendo-se uma espécie de triagem que filtra o número de trabalhos a serem apreciados pelo Conselho Editorial. Com esta edição, não foi diferente. O volume 17, número 2, reafirma a missão da Veredas: publicar trabalhos de caráter inédito e de reconhecida qualidade acadêmica, produzidos por pesquisadores da área de Linguística, teórica e aplicada. A pluralidade das abordagens e a diversidade dos enfoques reunidos neste número atestam a importância deste espaço para a comunidade acadêmica e refletem a qualidade da produção brasileira na área de linguística.

Abrindo a edição, o texto “Sentential negation at the syntax-prosody interface”, de Lílian Teixeira de Sousa, investiga a interface sintaxe e prosódia em sentenças de negação do Português Brasileiro. Levando em consideração que construções não canônicas de negação sentencial, como [VP Neg3] e [Neg VP Neg2], indiciam restrições sintáticas em contraste com a negação padrão [Neg1 VP], a autora aponta para a interação sintaxe e prosódia nessas estruturas, quando analisa variedades do português de duas regiões brasileiras: sudeste e nordeste.

No trabalho “O reconhecimento do padrão morfofonológico dos afixos verbais na aquisição inicial do português brasileiro”, Tatiana Bagetti e Leticia Maria Sicuro Corrêa analisam uma etapa importante na aquisição da língua: a passagem do nível fônico para a representação morfofonológica de elementos funcionais, fundamental para a progressiva especificação dos traços formais e consequente identificação da gramática do Português Brasileiro. Os resultados encontrados pelas autoras sugerem que bebês, entre 9 e 12 meses, distinguem alterações morfológicas nos afixos verbais, fato indicativo de que, nessa fase, crianças já identificam informação pertinente aos elementos funcionais do léxico.

O estudo de Bruno Neves Rati de Melo Rocha e Tommaso Raso, “O pronome lembrete e a Teoria da Língua em Ato: uma análise baseada em corpora”, propõe uma reanálise do caso do pronome lembrete (ou pronome resumptivo) em Português Brasileiro (PB). Fundamentando-se na Teoria da Língua em Ato (TLA), os autores analisam a frequência de uso da estratégia do pronome lembrete e a existência de restrições prosódicas e funcionais operantes em sua realização nos *corpora* C-ORAL-BRASIL e C-ORAL-ROM de Português Europeu (PE). Os resultados da pesquisa mostram que as retomadas por pronome lembrete acontecem sempre em contextos em que o elemento retomado está em tópico e o elemento que o retoma em comentário. A análise indica também que a estratégia da retomada lembrete ocorre, em PB, em contextos prosodicamente e funcionalmente marcados; em PE, esse tipo de retomada não foi encontrado. O trabalho revela ainda a existência de outro tipo de retomada, realizada por meio da repetição do elemento retomado, sujeita às mesmas restrições do pronome lembrete. Por fim, Rocha e Raso argumentam que, pelo fato de retomadas em relativas

não estarem sujeitas às mesmas restrições prosódicas e funcionais, devem ser consideradas um fenômeno diferente da retomada lembrete.

O trabalho de Gitanna Brito Bezerra e Márcio Martins Leitão, “O processamento de argumentos e adjuntos em construções sem ambiguidade estrutural”, parte da hipótese de que argumentos são processados mais rapidamente do que adjuntos. Com o intuito de investigar se a informação lexical é acessada rapidamente no *parsing*, facilitando o processamento de argumentos, mas não o de adjuntos, os autores realizaram dois experimentos de leitura automonitorada: o primeiro com estruturas não ambíguas e com correferência, e o segundo com estruturas não ambíguas e sem correferência; ambos com argumentos atrelados a núcleos verbais e nominais. Os dados revelaram facilitação para argumentos apenas nas condições com núcleo nominal. Propõe-se também o acesso imediato à informação lexical e um processamento da relação de adjunção nem sempre custoso.

Vivian Canella Seixas e Mônica G. R. de Alkmim, em “A negação sentencial em textos de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX: considerações sobre implementação, transição e origem da estrutura [NãoVNão]”, descrevem e analisam as estruturas negativas sentenciais na Língua Portuguesa do Brasil em textos de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX, focando mais especificamente na estrutura [NãoVNão], forma inovadora do Português Brasileiro (PB). Adotando o arcabouço teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972; 1994), as autoras evidenciam que a estrutura [NãoVNão] aparece na 1ª metade do século XVIII, implementada pelo percurso no processo da mudança linguística da estrutura [NãoV] para a [NãoVNão]. Em relação aos resultados do *corpus* dos séculos XVIII e XIX, Seixas e Alkmim consideram ser possível que, ao longo do tempo, o caráter pressuposicional obrigatório da estrutura [NãoVNão] tenha deixado de ser obrigatório e, com isso, essa estratégia de negação deixou de estar relacionada a questões discursivas no PB atual.

Embora assumindo perspectivas teórico-metodológicas um tanto diversas, os quatro artigos seguintes têm em comum a análise de dados conversacionais em situações reais de fala. O primeiro deles, o trabalho de Ana Cristina Ostermann, Daniela Negraes Pinheiro Andrade e Juliana Silva, “Análise da Conversa *Aplicada* em interações entre médicos e pacientes”, debruça-se sobre a dimensão *aplicada* da Análise da Conversa (AC), seu potencial e sua viabilidade, focando em estudos realizados com dados naturalísticos, gerados a partir de interações gravadas em áudio e/ou vídeo no contexto institucional de prestação de serviços de atendimento em saúde. O panorama traçado pelas autoras abarca pesquisas, realizadas tanto no âmbito nacional quanto internacional, cujos resultados analíticos são passíveis de aplicação, tendo em vista a relevância dos seus achados no que se refere a interações médico-paciente. A partir dos estudos revisitados, as autoras tecem considerações sobre as contribuições que a AC pode proporcionar no que tange à comunicação entre profissionais da saúde e pacientes

e advogam em prol da aplicação dos resultados das pesquisas já realizadas no país, tais como as revisitadas por elas nesse trabalho.

No âmbito da Análise da Conversa Etnometodológica (ACE), Priscila Júlio Guedes Pinto e Paulo Cortes Gago, em “O uso de reformulações por um inspetor de polícia durante a atividade de negociação nos interrogatórios policiais da Delegacia de Repressão a Crimes Contra a Mulher (DRCCM)”, mostram dois tipos diferentes de reformulação na fala policial: as reformulações realizadas por meio de explicações atuam no sentido de orientar as partes com relação aos seus direitos sobre os filhos e servem de base para que o inspetor inicie a atividade de negociação com a vítima, tentando fazer com que ela desista de encaminhar o processo criminal à justiça. De acordo com os autores, a atividade de negociação empreendida pelo inspetor no ambiente da DRCCM evidencia que o escopo de ação da delegacia vem sendo ampliado à medida que se recebem não só casos criminais que precisam ser investigados, mas também casos relativos a problemas de ordem familiar, que necessitam ser resolvidos consensualmente.

Já o estudo de Juliano Desiderato Antonio e Deise Vieira dos Santos Alves, “Relações retóricas sinalizadas pelo marcador discursivo *então* em elocuições formais”, apresenta as relações retóricas sinalizadas pelo marcador discursivo MD *então* em um *corpus* formado por elocuições formais (aulas de curso superior), acervo do Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná. Utilizando como aparato teórico-metodológico a Teoria da Estrutura Retórica (*RhetoricalStructureTheory*– RST), bem como os critérios utilizados por Schiffrin (1987), o trabalho verificou que o marcador discursivo *então* apresenta, no *corpus* investigado, dois usos: marcar as unidades mais importantes de um tópico em diferentes planos do discurso e marcar sucessão. No primeiro caso, o MD *então* atua em diferentes planos do discurso: ideacional, informativo e de ação, bem como opera no nível da estruturação tópica, sinalizando relações anafóricas ou parentéticas. Ao marcar sucessão, o MD *então* pode indicar sucessão de ideias ou sucessão de ações.

No artigo “A manipulação do tópico discursivo por sujeitos afásicos em situações conversacionais”, Caio César Costa Ribeiro Mira investiga as formas de desenvolvimento do tópico discursivo em um fragmento de episódio conversacional entre sujeitos afásicos e não afásicos, com base no arcabouço teórico-metodológico da Linguística Textual. Os resultados da análise demonstram que os sujeitos afásicos interagem de forma semelhante aos sujeitos não afásicos em situações conversacionais concretas, contribuindo textual e pragmaticamente para o desenvolvimento do tópico discursivo. Contrariando o pressuposto de que a afasia é essencialmente um problema de metalinguagem e de perda da capacidade de reflexão sobre o uso da linguagem, o estudo de Caio Mira evidencia que os sujeitos afásicos, ao serem inseridos em situações conversacionais concretas, reconhecem as formas de gerenciamento do tópico discursivo e contribuem textual e interacionalmente para o seu desenvolvimento.

Já o artigo “A linguística cognitiva e a filosofia de Wittgenstein”, de Joana Bortolini Franco e Evani Viotti, examina correlações entre a Linguística Cognitiva (LC) e a filosofia wittgensteiniana tardia, a partir das obras de Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (1999), e de Wittgenstein (*Livro azul e Investigações filosóficas*). As autoras apresentam semelhanças na crítica que ambas as linhas fazem a uma concepção geral da linguagem, relevando também semelhanças na percepção de certos aspectos particulares do funcionamento da linguagem. O estudo contribui para a discussão das bases epistemológicas da LC.

Em “Ontopragmática, sensibilidade ao contexto e léxico mental: a interface semântico-pragmática do pensamento”, Maurício Fernandes Neves Benfatti e Elena Godoi argumentam a favor da interface semântico-pragmática para os processos cognitivos de lexicalização. Considerando que mecanismos cognitivos semânticos e pragmáticos operam em sincronia, a fim de obter sucesso em suas demandas biológicas, os autores partem da premissa de que um léxico mental adequadamente situado deve ser concebido como fruto de processos cognitivos não lexicais, porém racionalmente passíveis de lexicalização. Para Benfatti e Godoi, a compreensão da significação lexical implica não só a compreensão da interface exterior à mente entre semântica e pragmática, mas também requer a concepção de tal interface em âmbitos cognitivos.

“Letra bonita é coisa de menina”: a construção de gênero social em um evento de letramento escolar”, trabalho de Jakeline A. Semechechem e Neiva M. Jung, demonstra que o bom traçado da escrita é um padrão relacionado ao gênero feminino. Os dados de fala-em-interação analisados pelas autoras evidenciam que um participante do gênero masculino precisa engajar-se em um trabalho de prestar contas, em uma conjuntura interacional e intersubjetiva de dúvida sobre a autoria de seu trabalho escrito, de sua “letra bonita”, uma prática associada a uma categoria de gênero feminina. Isso mostra que a relação entre letramento e gênero social é mais complexa do que os índices oficiais em geral apresentam.

Evandro Gonçalves Leite, Francisco Edson Gonçalves Leite e Regina Celi Mendes Pereira, em “A infraestrutura textual de resumos acadêmicos (*abstracts*) publicados em periódicos de literatura”, examinam a organização da infraestrutura textual de quinze resumos (*abstracts*) de artigos científicos da área de literatura, representativos de diferentes estratos de qualificação na avaliação de periódicos da Capes. Com base em uma análise de natureza qualitativa e quantitativa, os resultados do estudo revelam que a infraestrutura dos resumos não segue rigidamente as prescrições socialmente legitimadas para o gênero, embora tenha sido encontrada certa estabilidade característica dos gêneros acadêmicos.

A análise realizada por Carlos Henrique Rodrigues, em “A interpretação simultânea entre línguas e modalidades”, apresenta certos aspectos do processo de interpretação

simultânea do português para a Libras e permite perceber como a importância de um monitoramento consciente do processo interpretativo, no que se refere ao trabalho com línguas de diferentes modalidades, é central à atividade interpretativa. Os resultados do estudo indicam que, no monitoramento do processo de interpretação para a língua de sinais, os intérpretes exploram as possibilidades da construção simultânea de significado que existe na modalidade gesto-visual.

O artigo “As atividades de produção oral sob a ótica dos repertórios comunicativos e do letramento na aula de língua inglesa”, de Raquel Santos Lombardi e Ana Claudia Peters Salgado, discute a produção oral na aula de inglês como língua estrangeira. Fundamentando-se na noção de repertório comunicativo (RYMES, 2010) e no conceito de letramento (FREIRE, 1991; STREET 1944, 2003), as autoras mostram um recorte de uma pesquisa com observação participante em um curso intensivo de inglês. Com o objetivo de verificar se as atividades que embasam a prática de ensino possibilitam a inserção do aluno nas práticas sociais do mundo, Lombardi e Peters analisam parte do plano de aula do curso e concluem que o desenvolvimento do repertório comunicativo constitui um caminho para alcançar o letramento, pois leva o aluno a participar de práticas sociais e profissionais.

Também com o foco no ensino-aprendizagem de inglês, o texto de Carla Janaina Figueredo, “Inglês como segunda língua-cultura: por uma pedagogia crítica e dialógica da apropriação”, descreve a prática pedagógica de um professor de língua inglesa e observa sinais de apropriação do inglês por parte de seus alunos brasileiros. Nos termos da autora, os resultados apontam para uma prática docente sensivelmente crítica, sustentada por práticas discursivas dialógicas que contribuem consideravelmente com o processo de apropriação do inglês como segunda-língua cultura por parte de alguns aprendizes.

O trabalho “O *Corpus* Brasileiro de Língua Espanhola/CBRASLE (Sécs. XVI-XVII) – 1ª. Fase”, de Eliabe Procópio e Márluce Coan, apresenta o CBRASLE (Sécs. XVI-XVII), sua constituição, seu suporte teórico e seu estágio atual. Amparando-se na Filologia Hispânica e na Linguística de *Corpus*, cujos princípios teóricos guiaram as autoras na moldagem do banco de dados, o artigo descreve a composição do *corpus* e enfatiza detalhadamente a metodologia utilizada. O conjunto de textos que compõem o acervo do projeto abarca um momento importante da formação histórica brasileira, o qual carece de testemunhos bibliográficos a fim de levar a cabo estudos culturais.

Letícia Bonora Teles e Lídia Almeida Barros, em “Tratamento dos diferentes graus de equivalência entre termos de estatutos sociais em português e em francês na microestrutura de um modelo de dicionário para tradutores juramentados”, discutem questões relativas aos graus de equivalência que podem existir entre termos de duas línguas diferentes, português e francês, e sobre como as autoras consideram que esses equivalentes devam ser tratados em um dicionário bilingue dirigido ao trabalho de

tradutores. Teles e Barros alertam que, embora um tradutor precise entender o uso real dos termos para realizar um trabalho satisfatório, a falta de informações sobre os equivalentes é a grande lacuna dos dicionários bilíngues encontrados no mercado editorial.

“Língua e cultura em contato na Zona da Mata mineira: a imigração italiana em Juiz de Fora”, de Mario Luis Monachesi Gaio e Mônica Maria Guimarães Savedra, dedica-se ao estudo das perdas linguísticas das comunidades de imigração italiana na cidade de Juiz de Fora (MG). Amparando-se no aporte teórico da Ecolinguística, as autoras realizam uma enquete sociolinguística, buscando entender como se deu a perda linguística entre os italianos que se estabeleceram na cidade e região em fins do século XIX. A pesquisa mostra que a imigração de ocupação urbana tem relação direta com a perda linguística, principalmente quando as línguas de imigração, além de minoritárias, não têm prestígio algum, pois seus falantes não se interessam em transmiti-las aos descendentes por uma questão de ordem pragmática.

O trabalho de Célia Regina dos Santos Lopes, Camila Duarte de Souza e Thiago Laurentino de Oliveira (UFRJ), “A frequência e o delineamento da gramática: a afixação do clítico *te* no português brasileiro”, discute de que maneira a alta produtividade do clítico *te* no Português Brasileiro (PB) pode ser interpretada como um caso de gramaticalização. Para tanto, parte-se de dados sincrônicos e diacrônicos do PB acerca dos usos dos pronomes de segunda pessoa do singular nas funções acusativa e dativa, recorrendo-se aos pressupostos teóricos da gramaticalização. As autoras defendem que a alta frequência do *te* favoreceu uma automação da estrutura como marca de 2ª pessoa do singular e que essa automação, por um lado, estaria deslocando a forma *te*, em um *continuum* de gramaticalização, da categoria dos clíticos para a dos afixos. Por outro lado, poderia levar a sua opacidade semântica, gerando as construções com redobro do tipo “Eu *te* falei *pra você*”.

Adotando a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, Katiene Rozy Santos do Nascimento, Aluiza Alves de Araújo e Wilson Júnior de Araújo Carvalho, em “A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista”, analisam o apagamento da oclusiva alveolar /d/ no morfema de gerúndio /ndo/, no falar popular de Fortaleza-CE, com o objetivo de investigar a influência de fatores linguísticos e sociais sobre o fenômeno. A análise dos dados, compostos por vinte e quatro entrevistas do *corpus* do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), revelou que, dentre os condicionamentos linguísticos e sociais, o fator escolaridade é o mais relevante, apresentando os menos instruídos como únicos favorecedores do apagamento da oclusiva do gerúndio.

Na sequência, apresentam-se três artigos que adotam a perspectiva da Análise do Discurso de orientação francesa como base teórica. O primeiro deles, “A esperança venceu o medo, do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: um percurso,

múltiplos sentidos”, de Marilena Inácio de Souza, toma como objeto de estudo a manifestação discursiva do enunciado “a esperança venceu o medo” na mídia contemporânea brasileira. Ainda que não delimite todos os sentidos que essa frase põe a circular, pois, a cada nova mobilização, os sentidos são historicizados de outra maneira, a autora descreve e analisa o funcionamento linguístico-discursivo das constantes manifestações da frase nos discursos midiáticos. O caminho percorrido pelo enunciado mostra que seu uso ultrapassa não só a fronteira do discurso político (lugar de origem), mas também as fronteiras do tempo e do espaço, suscitando, ao longo de sua mobilização midiática, tensões de todas as ordens.

Também focalizando o discurso político na atualidade, Welisson Marques, em “Discurso, Mídia e Política: *Da Utopia ao Caos* sob análise”, investiga o sujeito em *Da utopia ao caos*, artigo referente ao Partido dos Trabalhadores e veiculado na revista *Veja* à época do escândalo do mensalão. A análise indica que aspectos desse tipo de discurso se evidenciam na voz do sujeito enunciador (midiático), entre os quais se destacam a ridicularização, a espetacularização e a autolegitimidade, além de sua demarcação político-partidária. A análise de *Da utopia ao caos* possibilitou visualizar, na prática, esse sujeito político, cujos discursos são permeados por regularidades em que a debilidade do outro é elemento constituinte. Nesse sentido, o panorama do partido é projetado: sua criação foi uma *utopia*, o *caos* é a condição em que ele se apresenta e o futuro pouco promissor atesta sua desqualificação. Assim, o sujeito político não narra os acontecimentos simplesmente, mas, indo além, explícita, de modo latente, seus favorecimentos partidários.

Completando a tríade de textos de AD francesa, o texto “*Bang bang* burlesco: cinema e paródia sob um ponto de vista discursivo”, de Odair José Moreira da Silva, empreende uma análise do filme *Banzé no oeste*, de Mel Brooks, mostrando que a paródia de um gênero como o *western* não só salienta a emergência de uma reavaliação, mas também traz à tona uma nova maneira do olhar e do fazer cinematográficos. A análise indica que o desbravamento do oeste americano, na visão do enunciador, é uma tragicomédia que tem uma caracterização dupla: de um lado, positiva, pois alimenta a ideia do *sonho americano*; de outro, negativa, pois massacra aquele que impedir ou obstruir esse sonho. Nos termos do autor, ao recriar um mundo mítico – transgredindo o modelo original –, o enunciador provoca no espectador uma reflexão e fornece uma visão mais ampla do real, pois o filme não deixa de ser uma crítica consciente de todo um processo de desbravamento de um povo, calcado em uma ideologia fundamentada em ideais que têm por mérito usurpar, em todos os sentidos, a liberdade do outro.

Fechando este volume, o artigo “Demandas cognitivas linguísticas e não linguísticas em tarefas de crenças falsas de 1ª ordem”, de Luciana Teixeira e Ana Paula da Silva, discute possíveis relações entre a língua e os sistemas cognitivos com os quais interage no curso do desenvolvimento linguístico/cognitivo. Apresentam-se resultados de um estudo de base experimental, conduzido com crianças brasileiras em fase pré-escolar,

sobre a compreensão das chamadas crenças falsas (CFs), considerado o nível mais sofisticado da capacidade de compreender e justificar o comportamento humano em termos de estados mentais, isto é, crenças, desejos, intenções e emoções. As autoras se propõem a investigar o papel da estrutura linguística na compreensão de CFs; em particular, as de primeira ordem, e pretendem avaliar em que medida crianças que já revelam algum conhecimento sobre a língua em aquisição são capazes de conduzir um raciocínio dessa natureza, com base em sentenças completivas e em sentenças sem encaixamento sintático. Elas buscam, assim, melhor caracterizar as demandas cognitivas linguísticas e não linguísticas que possam afetar a capacidade dessas crianças de conduzirem esse tipo de raciocínio.

As diversas abordagens contempladas nos textos publicados neste volume da Veredas expressam a pluralidade das análises empreendidas pela linguística na contemporaneidade e demonstram o comprometimento deste periódico com a multiplicidade de relações entre sujeito e objeto do conhecimento em suas edições atemáticas.

Boa leitura a todos!

Luiz Fernando Matos Rocha
Amitza Torres Vieira
Comissão Editorial

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Reitor

Henrique Duque de Miranda Chaves Filho

Vice-reitor

José Luiz Rezende Pereira

Pró-Reitora de Pesquisa

Marta Tavares d'Agosto

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Fernando Monteiro Aarestrup

FACULDADE DE LETRAS

Diretora

Marta Cristina da Silva

Vice-diretor

Edimilson de Almeida Pereira

Chefe do Departamento de Letras
Denise Barros Weiss

Chefe do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
Rosemary Abraão Nascif

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística
Luciana Teixeira

COMISSÃO EDITORIAL
Luiz Fernando Matos Rocha
Amitza Torres Vieira

ASSISTENTES EDITORIAIS
Adrieli Bonjour Laviola da Silva
Marina Silva Maximiano
Sandra Aparecida Faria de Almeida

Programa de Pós-Graduação em Linguística
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Campus Universitário s/n, Martelos
36036-900, Juiz de Fora - Brasil
Tel.: +55 32 2102 3135
Fax: +55 32 2102 3135
e-mail: ppg.linguistica@ufjf.edu.br

Copyright: Programa de Pós-Graduação em Linguística-UFJF